

## Editorial

Nos últimos anos, foi notável a expansão do Ensino Superior no País, graças a medidas implementadas para facilitar o acesso a esse nível. De fato, além da implantação de novas universidades federais, ampliaram-se os programas do Financiamento Estudantil (Fies) e o Universidade para Todos (Prouni), com o conseqüente aumento de vagas nas instituições de ensino; dessa forma, tornou-se possível o ingresso ao nível superior de uma parcela maior, ainda que pequena, da população de jovens de 18 a 24 anos.

Sem abandonar a política de expansão das universidades, uma vez que mais quatro universidades federais devem ser instaladas nas regiões Norte e Nordeste, a presidente anunciou, nos primeiros meses de governo, e reiterou, nas recentes comemorações da Semana da Pátria, as metas a serem alcançadas, durante os próximos anos de seu governo, no que se refere ao ensino técnico. Foi divulgado que, além de aumentar em 56,7% o número de escolas técnicas, haverá uma ampliação considerável do número de vagas para estudantes, que poderão usufruir da Escola Técnica Aberta do Brasil (E-Tec), de ensino a distância, que já conta com mais de 200 polos instalados em vários estados da União. Tais metas fazem parte do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego – Pronatec —, anunciado em abril e aprovado recentemente pela Câmara de Deputados. Um dos principais objetivos desse Programa é formar mão de obra qualificada por meio de capacitação técnica e profissional de alunos do Ensino Médio.

Essa notícia, em si mesma, merece aplausos, primeiramente por se tratar da realização de uma promessa de campanha da atual presidente, mas, sobretudo, por ter o grande mérito de demonstrar uma clara preocupação em investir recursos nos últimos anos do Ensino Básico. Sabe-se que o nível médio tem, historicamente, atravessado dificuldades de toda ordem, e é considerado, por inúmeras razões que não caberia analisar neste espaço, como a etapa mais problemática do Ensino Básico. No que diz respeito aos dados quantitativos, o número de matrículas manteve-se estável nos últimos anos, segundo o Censo 2010 do Inep, com claras indicações de que ainda falta muito para a universalização de seu acesso; nessa mesma direção, os dados oficiais assinalam que há uma pequena parcela da população de 15 a 17 anos nesse nível, evidenciando que a frequência líquida ao Ensino Médio

é de apenas 50,9%, ou seja, apenas metade da população dessa faixa etária está no nível de ensino adequado. Além disso, nesse mesmo grupo, há uma elevada porcentagem de evasão escolar, a maior parte por desinteresse e outro tanto por necessidade de renda e trabalho.

Simultaneamente ao anúncio do Pronatec, o Conselho Nacional de Educação discutiu e aprovou novas diretrizes propostas pelo MEC para o Ensino Médio, o que traz perspectivas de mudanças também qualitativas para as escolas do setor público e do privado. Uma dessas mudanças diz respeito à própria estrutura curricular, possibilitando que as escolas tanto mantenham o currículo atual, como organizem o ensino em torno de quatro eixos – trabalho, ciência, tecnologia e cultura –, com autonomia para a distribuição da carga didática de cada uma delas, conforme as especificidades da região atendida. Assim sendo, uma escola situada em uma área industrial poderia priorizar, por exemplo, a tecnologia e o trabalho; e outra, localizada em região turística, o setor cultura, embora todas continuem obrigadas a ensinar as disciplinas fundamentais – Português, Matemática, Ciências, etc. Essa flexibilização do currículo, já prevista desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que entrou em vigor em 1996, pode, em princípio, contribuir para uma adequada articulação entre os conteúdos a serem transmitidos e as necessidades do cotidiano e do mercado de trabalho da região; assim sendo, espera-se que o ensino adquira novos sentidos para os alunos, que se sentiriam mais motivados a permanecer nas escolas. Em suma, à primeira vista, parece tratar-se de uma proposta promissora, dependendo, claro, das condições e das possibilidades reais de colocar em prática essas mudanças.

De fato, vale lembrar que, ao mesmo tempo que essas informações são divulgadas, os jornais noticiam que uma greve paralisa 50% das escolas técnicas federais. Há um descontentamento generalizado, com reivindicações de melhoria da infraestrutura e de número maior de servidores; além disso, solicita-se a abertura de mais concursos, visando à efetivação de docentes, e um aumento salarial para docentes e funcionários. Com as novas diretrizes para o Ensino Médio, esses problemas virão, certamente, a acentuar-se ainda mais, uma vez que as mudanças anunciadas exigirão requalificação dos professores, novas formas de trabalho docente, além de laboratórios mais bem equipados e bibliotecas atualizadas. Será também indispensável rever a formação dos novos professores nos cursos de licenciatura de faculdades e institutos de Ensino Superior de todo o País, preparando-os para novas tarefas e modos de trabalho distintos dos atuais.

=====

O dossiê deste número “Pedagogias, racionalidades, representações do/sobre o corpo (XIX-XX)” congrega estudos de pesquisadores brasileiros que desenvolvem suas atividades em diferentes instituições de nosso país – Unicamp e universidades federais de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Juiz de Fora – e também estrangeiras:

México e Argentina. Estes textos enfocam diferentes aspectos relativos ao corpo, em uma diversidade de olhares, levando em conta uma dimensão histórica na abordagem desse tema. O coordenador desta coletânea de textos, Prof. Luciano Mendes de Faria Filho, salienta que houve uma mudança no enfoque das questões relacionadas ao corpo, uma vez que estas habitaram, tradicionalmente, o interior das ciências médicas, mas, a partir da década de 70 do século passado, passaram a ser objeto de interesse e estudo no quadro das ciências humanas e sociais, tecendo-se, particularmente, uma interlocução privilegiada entre os pesquisadores da área de Educação com os de Educação Física. Mais precisamente, os temas são tratados “nas chaves corpo-cidade, corpo-esporte, corpo-ciência e corpo-mulher, estabelecidas a partir de uma prática comum, a de historiar corpos de diferentes idades e pertencimentos”, como assinala o referido professor. É interessante ainda lembrar que importantes reflexões sobre essa temática inserem-se igualmente no campo artístico, conforme apresentado no dossiê “Entrelugares do corpo e da arte”, da revista *Pro-Posições*<sup>1</sup>, o que demonstra que a abordagem dessa ampla temática – o corpo – releva uma visão situada no entrelaçamento de saberes elaborados em diferentes áreas.

Os cinco artigos abordam temas diversos e são de autoria de pesquisadores de universidades de várias partes do Brasil. O primeiro, de professora da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Goiás, analisa, em uma abordagem de estudos interculturais, o papel da escola, a partir de elementos do festejado filme *Entre os muros da escola (Entre les murs)*, dirigido por Cantet, que retrata uma sala de aula em escola de Paris, segundo roteiro de um professor de francês que atua no próprio filme. Três pesquisadores da área de Educação Física valem-se de conceitos de Habermas (Teoria da Ação Comunicativa), bem como de Bion e de Kholberg, para analisar formas de comunicação entre deficientes. Duas pesquisadoras da área de Saúde da Unifesp apresentam um estudo relacionado à formação docente nessa área, empregando, para a coleta de dados, vários procedimentos, inclusive a participação no *Moodle*, ferramenta que permite a produção de textos de forma coletiva. Um professor da Universidade Federal de São Carlos trata de conceito de “intelectual” a partir de uma reflexão baseada em Gramsci. E, por fim, dois pesquisadores da Universidade Federal do Espírito Santo contribuem com um ensaio crítico, trazendo uma reflexão sobre o multiculturalismo em suas várias vertentes e problematizando esse conceito à luz de um trabalho da escritora Simone de Beauvoir, publicado originalmente em 1955.

Na seção *Diverso e Prosa*, é apresentado um pequeno trecho de “*Orbis Pictus*”, uma obra do século XVII, de autoria de Comenius, de valor histórico inestimável. Graças à bela introdução do Professor Carlos Eduardo Albuquerque Miranda

1. v.21, n.2 (62), maio/ago. 2010.

(FE- Unicamp), é possível compreender a importância desse trabalho naquele momento, bem como as características originais dessa produção. Aprende-se, então, que “*Orbis Pictus*” é considerada como uma primeira cartilha do mundo cristão ocidental, utilizada durante mais de dois séculos. É estruturada de forma a ensinar linguagem, articulando tal ensino com o de um conhecimento sobre o mundo. Ao trazer ilustrações, essa obra desmistifica a ideia de que as imagens teriam sido incorporadas aos livros didáticos apenas em épocas mais recentes.

Este número traz ainda duas resenhas: uma delas sobre um livro editado pela Organization for Economic Co-Operation and Development (OECD) – *Educating teachers for diversity: Meeting the challenge (Formação de professores para a diversidade: enfrentando o desafio)* -, que discute e problematiza questões relacionadas às dificuldades dos professores em lidar com a diversidade. Baseada em dados empíricos envolvendo profissionais de diferentes países, a obra salienta a necessidade premente de uma formação específica sobre esse tema. Outra resenha diz respeito ao livro organizado pela Professora Ana Lúcia Goulart de Faria, *O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes*, que se insere no quadro da Pedagogia da Educação Infantil. Composto por textos de autores consagrados do Brasil e do exterior, o livro é um convite para refletir sobre as especificidades do trabalho com crianças pequenas e sobre a importância fundamental da educação nessa fase da vida infantil.

Mais uma vez, desejamos que, em meio a essa diversidade de textos, o leitor encontre subsídios para a elaboração de seus estudos e para a reflexão a respeito de questões que povoam o universo educacional.

*Luci Banks-Leite*